

ENEIDA DE MORAES:¹ A Voz Da Folia

Carolina Cardoso Grimião²

RESUMO

Este trabalho traz uma análise sucinta sobre a obra de Eneida de Moraes, “História do Carnaval Carioca”. Junto aos conceitos sobre Folkcomunicação, o resumo tem como objetivo apresentar elementos da obra da jornalista que dialogam com a interlocução de uma rica pesquisa e vivência que foram pioneiras na história. Dividido em eixos temáticos, a análise compila os principais assuntos elucidados pela escritora.

PALAVRAS-CHAVE

Carnaval; História do Carnaval; Grupos Carnavalescos; Folkcomunicação; Imprensa

INTRODUÇÃO

Eneida de Moraes foi a mais importante autora de Carnaval do seu tempo e fundamental para as bases dos registros históricos dos festejos carnavalescos do Rio de Janeiro. Nascida em 1904, em Belém, apaixonou-se pelo Carnaval carioca e se dedicou a estudar os grupos e movimentos que se espalhavam pela cidade. Jornalista em um tempo onde era rara a atuação feminina, Eneida se uniu aos cronistas da época, autores, artistas, sociólogos, psicanalistas e historiadores para escrever, em 1958, o livro que hoje habita os acervos de obras raras das bibliotecas, a “História do Carnaval Carioca”.

Dedicando-se à pesquisa nos principais jornais do final do século 19 e da primeira metade do século 20, além de livros ainda mais antigos sobre folclore, músicas e movimentos populares, a autora realizou um verdadeiro levantamento na Biblioteca Nacional em vinte anos de pesquisa, contando ainda com acervos especiais como o de Carlos Drummond de Andrade e do jornalista Jota Efevê. Bebendo da fonte de pesquisadores como a folclorista Mariza Lira, do escritor modernista Mário de Andrade,

¹ Trabalho apresentado para o GT 2: Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Universidade Federal Fluminense. Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGCOM/UFF), Jornalista e Historiadora. Contato: carolinagrimiao@id.uff.br.

do professor e historiador Câmara Cascudo, do antropólogo Artur Ramos e de tantos outros, a autora já entendia o caráter popular do Carnaval na sua natureza interdisciplinar. Dessa forma, deixou um legado de valor inestimável com a “História do Carnaval Carioca”, obra a qual vamos contextualizar neste trabalho.

Aqui, a proposta é revisitar esta importante criação de Eneida para tudo o que conhecemos hoje sobre os “antigos carnavais” da capital carioca. E entender, dentro dos estudos de Folkcomunicação, a importância desses registros e compilados para os estudos carnavalescos que vieram futuramente. Trazendo o conceito de Beltrão (2007) sobre “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (p. 40), podemos creditar que muito do que se sabe hoje veio da pesquisa de uma mulher que foi imprescindível para a compreensão dos estudos populares nos períodos finais do Império Brasileiro, iniciais da República e da formação da urbanização da cidade do Rio.

Como dizem que a maior honraria que toda pessoa pode receber é ser enredo de escola de samba, o livro escrito por Eneida de Moraes foi contado em verso e prosa no carnaval do Acadêmicos do Salgueiro de 1965, com título de mesmo nome da obra, quando os desfiles ainda eram realizados na Candelária. Em 1990, Eneida foi novamente homenageada pelo Paraíso do Tuiuti, escola que desfilou pelo antigo Grupo A, já na Passarela do Samba. O enredo “Eneida, o pierrô está de volta” foi reeditado pela mesma escola, em 2010, que conferiu um olhar dedicado à escritora e jornalista. Além da sua obra, o enredo retratava um pouco da biografia de Eneida que foi presa diversas vezes no período da ditadura, se tornou personagem de Graciliano Ramos em “Memórias do Cárcere” e consagrou-se como a primeira mulher a se dedicar às pesquisas sobre o Carnaval.

“HISTÓRIA DO CARNAVAL CARIOCA”

Para trazer uma breve análise do livro de Eneida de Moraes para este trabalho, foi escolhido dividi-lo em quatro partes por eixos temáticos. Claro que não se pretende um aprofundamento sobre a sua obra, uma vez que são inúmeras as ricas informações e detalhes e seria de uma enorme pretensão resumi-la em tão poucas páginas. Mas, como o objetivo comprehende a análise de alguns elementos-chaves do livro em consonância com

os conceitos da Folkcomunicação, a divisão se fez apropriada para maior clareza da proposta. Desta maneira, vamos condensar esta análise em: Os Grupos e Movimentos Carnavalescos, A Geografia da Cidade, O Poder Público, e A Imprensa.

Os Grupos e Movimentos Carnavalescos

A virada do século 19 para o 20 e todas as mudanças políticas, sociais, culturais e econômicas do país trouxeram impactos diretamente ao Carnaval carioca. A palavra “Carnaval” foi trazida pelos portugueses e tudo que remetia à Colônia e aos hábitos do Império era considerado “porco e brutal”, como classificado por Debret (in Moraes, 1987, p. 20). Os bailes de máscaras viraram tendências nos hotéis e, posteriormente, nas Sociedades Carnavalescas. Entrudos e Zé Pereiras eram considerados carnavais dos pobres ou “primitivos” (Moraes, 1987, p. 47). como também foram chamados.

Tão fácil, no meio da miséria reinante, nessa crise que parece acompanhar e perseguir o brasileiro através dos anos, sair à rua com bombos e tambores, uma camisa qualquer, uma calça de qualquer espécie e fazer barulho, alegrar com um ritmo efusivo as ruas e os bairros (...) (Moraes, 1987, p. 43).

Entre os luxos dos salões e a simplicidade das ruas, as Sumidades Carnavalescas traziam uma folia mais organizada, com elementos que mais tarde fariam parte até das escolas de samba. Eram desfiles de rua mais “civilizados” (Ramos apud Moraes, 1987, p. 113). Assim como Ranchos, que já contavam com uma estrutura musical e segmentada das pessoas em subgrupos dentro do cortejo. Apesar dos Blocos ainda manterem as suas características mais populares e livres de regras, os Cordões já se inspiraram nesses modelos de organização e realizavam as suas saídas com as suas cordas e estandartes.

A modernidade dos automóveis trouxe ainda o Corso em seus desfiles rumo aos Bailes. Mas, para Eneida, foi o surgimento do samba, em 1917, que foi “uma verdadeira revolução na música popular brasileira e em nosso ritmo carnavalesco” (1987, p. 145). Maxixes e polcas eram ritmos emprestados que iam se adaptando aos moldes dos festejos. Com o samba, houve uma “projeção das identidades nacionais” (Melo, 2007, p. 50) que, para o surgimento das escolas de samba, não demorou muito. O primeiro concurso foi realizado em 1932 pelo jornal Mundo Sportivo e em 1933 os desfiles já estavam oficializados pelo Estado.

Em 13 de fevereiro de 1904, José Veríssimo escrevia à Machado de Assis: “Aqui todas as preocupações vão ao carnaval. Já mais de uma vez lhe disse que o carnaval é a coisa mais importante do e para o Rio de Janeiro.” (Veríssimo in Moraes, 1987, p. 218).

No Rio ainda chegaram a existir grupos de frevos e, a cada ano, a variedade de possibilidades de brincar o carnaval ia tomando mais a cidade. Espaços como os subúrbios cariocas ganharam seus próprios grupos e a descentralização do Carnaval foi surgindo.

A Geografia da Cidade

Para Artur Ramos (in Moraes), o Carnaval sempre foi um conglomerado de todo um “inconsciente ancestral” que tinha na Praça Onze “o seu inconsciente folclórico” (1987, p. 9). A região, conhecida por ser um território que vai concentrar uma grande quantidade de pessoas negras - e onde Tia Ciata e outras tias baianas foram morar - sempre foi palco da memória cultural dessas populações.

No final do século 19, a distribuição das saídas dos grupos carnavalescos vai dividir a cidade. Na Praça Onze, o carnaval ainda “primitivo”. Na Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), aberta em 1905, o Carnaval dos salões, dos bailes e da passagem dos automóveis. Assim como a Rua do Ouvidor, a Avenida Beira Mar e a Primeiro de Março. Havia questões do Poder Público para a logística da cidade e a ordem pública. Em paralelo, os subúrbios da cidade vão ganhando protagonismo em suas organizações. De São Januário à Madureira, as pessoas “construíram palanques na sua praça principal, instalaram coretos com bandas de música” (Moraes, 1987, p. 92). Mais tarde ainda surgiu a Festa da Penha, importante evento para a difusão do samba e dos concursos de músicas carnavalescas. Espaços como esses foram decisivos para “preservar identidades culturais (...) e alavancar a renovação dos modos de agir, pensar e sentir dos grupos” (Melo, 2007, p. 50).

O Poder Público

Cabia, em um primeiro momento à Polícia, e depois à Comissão de Turismo da Prefeitura, manter a ordem e a cidade funcionando com esse tanto de grupos

carnavalescos diversos pela cidade. Em 1890, por exemplo, foi instituído especialmente para o Carnaval o “Código de Posturas Municipais” (Moraes, 1987, p. 151), pela Intendência Municipal. Ranchos e Cordões já reivindicavam “o auxílio do Governo para a confecção dos seus cortejos, pedindo ainda que a polícia deixasse de cobrar, pelos seus ensaios, 250 mil-reis por mês” (Moraes, 1987, p. 118).

Não era nada simples lidar com tantas questões. No surgimento das escolas de samba, a Polícia acompanhava os desfiles para evitar quaisquer tipos de desordem, uma vez que o samba era visto como “vagabundagem”. O comportamento social também mudava frente às novidades e deixava os mais conservadores atônitos. Era “espantoso, naquele fim de século, mulheres andando nas ruas às nove horas da noite!” (Moraes, 1987, p. 91). Esses novos comportamentos e tendências eram a forma que “se vale o povo para impor (...) o seu pensamento e a sua vontade” (Beltrão, 2007, p. 30). E o Carnaval nada mais é do que o lugar para essas linguagens e críticas, ainda que muitas vezes lidando com restrições.

A Imprensa

Segundo Eneida, “dois grandes amigos encontraram Momo no início das festas: a imprensa e o comércio” (Moraes, 1987, p. 158). Os anúncios publicitários e as divulgações das atividades dos grupos carnavalescos foram essenciais para a legitimação e o crescimento do carnaval. Além dos jornais tradicionais de grande circulação e revistas da época, surgiam jornais carnavalescos como “O Carnaval”, “O Chopp” e “Caverna”, que cobriam o dia a dia dos bastidores, a agenda dos eventos, os preparativos para os desfiles e as crônicas dos festejos em todos os seus espaços. Os registros em textos e fotos foram fundamentais para a difusão cultural das festas carnavalescas e abastecem as pesquisas e as memórias da cidade, assim como “a indústria cultural brasileira necessitou retroalimentar-se continuamente na cultura popular” (Melo, 2007, p. 49), movimento amplamente realizado pelas mídias até transformá-los em produtos comerciais.

CONSIDERAÇÕES

Não há dúvidas de que Eneida de Moraes e a sua obra “História do Carnaval Carioca” possuem um caráter mais do que histórico. Existe um resgate da memória afetiva

dessa cidade. Quando o livro completou 30 anos, especificamente em 1987, ele foi relançado e foram acrescentadas algumas páginas escritas pelo sambista e escritor Haroldo Costa, dando continuidade ao que se seguiu dos festejos. Existe uma história contada antes e após Eneida. As suas definições tão abundantes de pesquisa não deixam dúvida da ilustração mais bem feita dos carnavais desta cidade. Organizam e consolidam períodos turbulentos, mas com o amor e a crítica de quem tinha um olhar que valorizava cada um dos grupos e suas estruturas. Sendo assim, compreender Eneida sob as bases da Folkcomunicação é perceber todas as representações carnavalescas na interlocução junto à sociedade para a preservação de um patrimônio cultural que atravessa classes sociais, culturas, tempos e espaços.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Conceitos e definições. Cadernos da Comunicação - Série Estudos. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. 64 p. v. 17. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/secs>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GALERIA DO SAMBA. **Carnaval de 1990** - Paraíso do Tuiuti. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/paraiso-do-tuiuti/1990/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

GALERIA DO SAMBA. **Carnaval de 2010** - Paraíso do Tuiuti. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/paraiso-do-tuiuti/2010/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SALGUEIRO. **Anos 60** - Anos de Ouro para o Salgueiro. Disponível em <https://www.salgueiro.com.br/anos-60/>. Acesso em 22 jul. 2025.

MELO, José Marques. **Uma estratégia das classes subalternas**. Cadernos da Comunicação - Série Estudos. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007. 64 p. v. 17. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/secs>. Acesso em: 4 jun. 2025.

MORAES, Eneida. **História do Carnaval Carioca**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.